

NÚMERO UM DO
NEW YORK TIMES



UM DE NÓS É O PRÓXIMO

KAREN M. McMANUS

Karen McManus

UM DE NÓS É O PRÓXIMO

Tradução de

Ana Lima

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2021

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

McManus, Karen

M429d

Um de nós é o próximo [recurso eletrônico] / Karen McManus ; tradução
Ana Lima. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2020.

recurso digital

Tradução de: One of us is next

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-215-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Lima, Ana. II. Título.

20-68399

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Título original norte-americano:

One of us is next

Copyright © 2020 by Karen McManus

Leitura sensível: Lorena Ribeiro

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através
de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que
se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-215-6

Seja um leitor preferencial
Record.

Cadastre-se no site
www.record.com.br e

receba informações sobre nossos
lançamentos










e nossas promoções.








Atendimento e venda direta ao leitor:



sac@record.com.br

Para mamãe e papai

+	Editar
Favoritos	
MR	Maeve Rojas Caloura no Colégio Bayview, irmã de Bronwyn 
KM	Knox Myers Calouro no Colégio Bayview, Até que Provem 
PL	Phoebe Lawton Caloura no Colégio Bayview, Café Contigo 
BR	Bronwyn Rojas Uma das integrantes originais do Quarteto de Bayview, irmã de Maeve 
NM	Nate Macauley Um dos integrantes originais do Quarteto de Bayview 
AP	Addy Prentiss Uma das integrantes originais do Quarteto de Bayview, Café Contigo 
CC	Cooper Clay Um dos integrantes originais do Quarteto de Bayview 
LS	Luis Santos O melhor amigo de Cooper, Café Contigo 
EL	Emma Lawton Formanda no Colégio Bayview, irmã de Phoebe 
OL	Owen Lawton

	Irmão de Phoebe	
AP	Ashton Prentiss Irmã de Addy	
KM	Kiersten Myers Irmã de Knox	
EK	Eli Kleinfelter Advogado, Até que Provem	
JC	Jules Crandall Calouro do Colégio Bayview, melhor amigo de Phoebe	
BW	Brandon Weber Calouro do Colégio Bayview, <i>quarterback</i>	
SM	Sean Murdock Calouro do Colégio Bayview, jogador de beisebol	

SUMÁRIO

Parte Um

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Parte Dois

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Agradecimientos

PARTE UM

Sexta-feira, 6 de março

REPÓRTER: (parada no extremo de uma rua sinuosa, com um grande prédio branco de estuque atrás dela): Bom dia. Eu sou Liz Rosen, para o noticiário do Channel 7 ao vivo do Colégio Bayview, cujos alunos se recuperam da perda, ocorrida ontem, de um de seus colegas. É a segunda morte trágica de um adolescente nesta cidadezinha nos últimos 18 meses, e o clima fora da escola é de choque e *déjà-vu*.

(corte para duas meninas, uma chorando, a outra sem expressão)

GAROTA CHORANDO: É só que... é muito triste. Tipo, às vezes parece que Bayview está amaldiçoado, sabe? Primeiro Simon, agora isso.

GAROTA INDIFERENTE: Isso não se parece nem um pouco com o que aconteceu com Simon.

REPÓRTER: (inclinando o microfone na direção da garota chorando): Você e o estudante que morreu eram próximos?

GAROTA CHORANDO: Tipo, próximos *próximos* não. Acho que nem um pouco próximos. Quero dizer, eu sou só uma caloura.

REPÓRTER: (se virando para a outra garota): E você?

GAROTA INDIFERENTE: Acho que não deveríamos estar falando com você.

Dez semanas atrás

Reddit, subfórum A Vingança É Minha

Fio iniciado por Bayview2020

Oi. Esse é o grupo em que Simon Kelleher costumava postar? — Bayview2020

Olá. O próprio. — Darkestmind

Por que você mudou? E por que quase não tem postagem? — Bayview2020

Muitos exneridos e jornalistas no site antigo.

E adotamos novas medidas de segurança. Uma lição aprendida com o nosso amigo Simon. Que eu imagino que você conheça, considerando seu nome de usuário? — Darkestmind

Todo mundo conhece Simon. Aliás. Conhecia.

Mas não é como se fôssemos amigos. — Bayview2020

Certo. Então o que veio fazer aqui? — Darkestmind

Eu não sei. Encontrei o fórum por acaso. — Bayview2020

Mentira. Esse fórum é dedicado à vingança e não é fácil de encontrar.

Você está aqui por um motivo.

Qual é? Ou eu deveria perguntar *quem é?* — Darkestmind

Quem.

Uma pessoa fez algo horrível.

Acabou com a minha vida e com a de tantos outros.

E, ainda assim, NADA aconteceu com ela.

E não há nada que eu possa fazer quanto a isso.

— Bayview2020

Sei como é.

Nós temos muito em comum.

É uma merda quando quem destruiu sua vida pode seguir livremente por aí.

Como se o que fizessem não importasse. Só que preciso discordar de sua conclusão.

Sempre tem alguma coisa que você pode fazer.

— Darkestmind

CAPÍTULO 1

Maeve

Segunda-feira, 17 de fevereiro

Minha irmã me acha preguiçosa. Ela não diz isso na minha cara — na verdade, não diz nem por mensagem —, mas está bem óbvio.

Você viu a lista de faculdades que eu mandei?

O segundo semestre do primeiro ano não é cedo demais para começar a procurar. Na real, é meio tarde.

Nós podemos visitar alguns lugares quando eu estiver em casa para a despedida de solteira de Ashton, se você quiser.

Você deveria tentar um lugar totalmente fora da sua zona de conforto também.

Que tal a Universidade do Haváí?

Eu desvio os olhos das mensagens piscando no meu celular para encontrar o olhar questionador de Knox Myers.

— Bronwyn acha que eu deveria estudar na Universidade do Haváí — informo, e ele quase se engasga com a empanada que está mastigando.

— Ela sabe que fica em uma ilha, né? — pergunta ele, alcançando um copo de água gelada e bebendo metade dele num só gole. As empanadas do Café Contigo são lendárias em Bayview, mas também difíceis de comer se você não está acostumado com comida apimentada. Knox, que se mudou para cá do Kansas durante o ensino fundamental e ainda considera uma sopa à base de cogumelos sua comida favorita, definitivamente não se acostumou com comida apimentada. — Bronwyn já se esqueceu de que você é veementemente contra a praia?

— Não sou contra a praia — protesto. — Só não sou a favor da areia. Ou de muito sol. Ou ondas fortes. Ou criaturas submarinas. — A cada frase as sobrancelhas de Knox se

levantam mais e mais. — Veja bem, foi você quem me fez assistir a *Monsters of the Deep* — lembro a ele. — A minha talassofobia é, em grande parte, culpa sua. Knox foi meu primeiro namorado, e isso aconteceu durante o verão passado. Os dois inexperientes demais para perceber que não estávamos realmente atraídos um pelo outro. Passamos a maior parte do nosso relacionamento assistindo ao Science Channel, o que deveria ter rapidamente indicado que a gente funcionava melhor sendo amigos.

— Você me convenceu — diz Knox, secamente. — É a faculdade para você. Mal posso esperar para ler sua, sem nenhuma dúvida, sincera carta de apresentação quando chegar o prazo. — Ele se inclina para a frente e eleva o tom de voz para enfatizar. — No ano que vem.

Dou um suspiro, batendo os dedos na mesa brilhante de azulejos. O Café Contigo é uma cafeteria argentina com paredes azul-escuras e telhado de zinco, e o ar é uma mistura de fragrâncias doces e salgadas. Fica a menos de dois quilômetros da minha casa e se tornou meu lugar preferido para fazer trabalhos da escola desde que Bronwyn foi para Yale e meu quarto, de repente, ficou quieto demais. Gosto do alvoroço amistoso do café e do fato de ninguém se importar se peço apenas um café durante as três horas que fico aqui.

— Bronwyn acha que estou atrasada — digo a Knox.

— Sim, bem, Bronwyn tinha a inscrição para Yale pronta praticamente desde a educação infantil, né? — ele retruca. — Temos tempo suficiente. — Knox é, assim como eu, um calouro de 17 anos do Colégio Bayview, mais velho do que a maioria dos nossos colegas de turma. No caso dele, porque era baixinho para a idade que tinha no jardim de infância e os pais o fizeram repetir. No meu caso, porque precisei frequentar muitos hospitais durante metade de minha infância devido à leucemia.

— Suponho que sim. — Eu me estico para pegar o prato vazio de Knox a fim de colocá-lo em cima do meu, mas, em vez disso, derrubo o saleiro, espalhando sal pela mesa. Quase sem pensar, eu pego uma pitada de sal entre os dois dedos e jogo por cima do ombro. Para afastar a má sorte, conforme Ita

me ensinou. Minha avó tem dezenas de superstições: algumas vêm da Colômbia e outras ela incorporou depois de morar nos Estados Unidos por 30 anos. Eu costumava seguir todas elas quando era pequena, principalmente quando ficava doente. Se eu usar a pulseira de contas que Ita me deu, esse exame não vai doer. *Se eu evitar pisar em todas as falhas do chão, a minha contagem de células brancas estará normal. Se eu comer 12 uvas à meia-noite, na noite de Ano-Novo, não vou morrer este ano.*

— De todo modo, não é o fim do mundo se você não for para a faculdade esse ano — diz Knox. Ele se larga na cadeira, afastando um tufo de cabelo castanho da testa. Knox é tão magro e ossudo que mesmo depois de se entupir com todas as suas empanadas e metade das minhas ele ainda parece estar faminto. Toda vez que ele está na minha casa, meu pai ou minha mãe, ou os dois, tentam alimentá-lo. — Muita gente não vai. — Seu olhar ronda a lanchonete até parar em Addy Prentiss empurrando as portas da cozinha com uma bandeja equilibrada numa das mãos.

Observo Addy atravessar o Café Contigo, deixando os pratos de comida nas mesas com prática e facilidade. Ao longo do feriado de Ação de Graças, quando o programa de crimes reais *Mikhail Powers Investiga* exibiu sua reportagem especial “O Quarteto de Bayview — Onde eles estão agora?”, Addy concordou pela primeira vez em conceder uma entrevista. Provavelmente porque percebeu que os produtores estavam armando para apresentá-la como a indolente do grupo — minha irmã foi para Yale; Cooper tinha uma impressionante bolsa na Cal State, ou Universidade Estadual da Califórnia, em Fullerton; e até mesmo Nate estava frequentando algumas aulas na universidade pública — e Addy não deixaria isso acontecer. Adelaide Prentiss não seria identificada numa matéria com a chamada “O auge da ex-rainha da beleza foi no ensino médio”.

— Se você sabe o que quer fazer quando se formar, ótimo — tinha dito ela, em cima de um banco do Café Contigo com o cardápio do dia escrito a giz no quadro atrás dela. — Se não sabe, por que pagar uma fortuna por um diploma que talvez

nunca seja usado? Não há nada de errado em não ter sua vida inteira traçada quando se tem 18 anos.

Ou dezessete. Olho para o meu celular com cautela, esperando por mais uma enxurrada de mensagens de Bronwyn. Eu amo a minha irmã, mas seu perfeccionismo é algo difícil de acompanhar.

Os clientes da noite estão começando a chegar, ocupando as últimas mesas quando alguém liga todas as televisões suspensas no jogo de beisebol de abertura da Cal State Fullerton. Addy para quando sua bandeja está praticamente vazia e dá uma conferida no local, sorrindo quando encontra meu olhar. Ela vem até nossa mesa no canto e põe um pequeno prato de alfajores entre mim e Knox. Os sanduíches de cookie com doce de leite são uma especialidade do Café Contigo e a única coisa que Addy aprendeu a fazer ao longo dos nove meses em que trabalha aqui.

Tanto eu quanto Knox nos esticamos para pegá-los.

— Querem mais alguma coisa, pessoal? — pergunta Addy, pondo uma mecha do cabelo prata e cor-de-rosa atrás da orelha. Ela experimentou algumas cores diferentes durante o ano anterior, mas nada que não fosse cor-de-rosa ou roxo por muito tempo. — Se quiserem, deveriam fazer o pedido agora. Todos vão parar um pouco assim que Cooper começar a arremessar... — Ela dá uma olhada no relógio na parede. — Em cinco minutos, mais ou menos.

Eu balanço a cabeça quando Knox se levanta, limpando as migalhas da frente do seu moletom cinza favorito.

— Estou bem, mas preciso ir ao banheiro — diz ele. — Você pode guardar meu lugar, Maeve?

— Com certeza — digo, colocando minha bolsa sobre a cadeira dele.

Addy gira o corpo de leve e quase deixa a bandeja cair.

— Ai, meu Deus! Olha ele ali!

Todas as TVs do restaurante se enchem com a mesma imagem: Cooper Clay indo até o montinho para se aquecer antes do seu primeiro jogo de beisebol. Eu encontrei Cooper

no Natal, não faz nem dois meses, mas ele parece maior do que eu me lembro. Lindo e com o queixo quadrado de sempre, além de um brilho determinado nos olhos que eu nunca vi antes. Mas também, até este exato momento, eu só tinha visto Cooper arremessar de longe.

Não consigo ouvir os anunciantes por causa do falatório na lanchonete, mas posso adivinhar o que estão dizendo: a estreia de Cooper é o assunto do momento no beisebol universitário, algo grande o bastante para que um programa local de esportes de um canal a cabo cubra o jogo inteiro. Parte da comoção se deve à persistente notoriedade do Quarteto de Bayview e ao fato de Cooper ser um dos poucos jogadores de beisebol a assumir a homossexualidade, mas também porque ele foi muito bem nos treinos de primavera. Analistas de esporte estão apostando se ele vai pular para o time dos veteranos antes de sequer terminar a primeira temporada na faculdade.

— Nossa estrela finalmente vai se encontrar com seu destino — diz Addy, carinhosamente, enquanto Cooper ajusta o boné na tela. — Preciso verificar minhas mesas uma última vez, mas já me junto a vocês. — Ela começa a se mover pelo restaurante com a bandeja debaixo do braço e o bloco de pedidos na mão, mas a atenção do salão já se voltou da comida para o jogo.

Meus olhos se demoram na televisão ainda que a imagem tenha mudado de Cooper para uma entrevista com o técnico do outro time. *Se Cooper vencer, esse ano vai terminar bem.* Tento afastar o pensamento assim que ele se forma, porque não serei capaz de curtir o jogo se transformá-lo em mais uma aposta contra o destino.

Uma cadeira é arrastada ruidosamente ao meu lado e uma jaqueta de couro preta familiar roça no meu braço.

— E aí, Maeve? — Nate Macauley pergunta, sentando-se na cadeira. Seus olhos perambulam pela mesa repleta de sódio. — Ops. Massacre salino. Estamos condenados, não estamos?

— Ha e ha — digo, mas meus lábios retorcem. Nate é como um irmão mais velho para mim desde que ele e Bronwyn começaram a namorar, quase um ano atrás, então

suponho que a provocação venha no pacote. Mesmo agora, que eles estão dando “um tempo” pela terceira vez desde que Bronwyn foi para a faculdade. Depois de passar o último verão se remoendo, considerando se um relacionamento à distância de mais de quatro mil quilômetros poderia funcionar, minha irmã e o namorado se ajeitaram num padrão — sendo inseparáveis, discutindo, terminando e voltando — que parece funcionar para ambos.

Nate sorri e caímos num confortável silêncio. É fácil sair com ele, Addy e os outros amigos de Bronwyn. *Nossos amigos*, ela sempre diz, mas não é exatamente verdade. Eles eram amigos dela primeiro e não seriam meus se não fosse por ela.

Meu telefone toca como se pegasse a deixa e eu baixo o olhar para ler outra mensagem de Bronwyn. *O jogo começou?*

Em breve, digito. Cooper está aquecendo.

Queria que fosse transmitido pela ESPN para eu poder assistir!!! O canal Pacific Coast Sports infelizmente não pega em New Haven, Connecticut. Nem em nenhum lugar num raio maior que três horas de San Diego. E eles não transmitem on-line também.

Estou gravando para você, lembro a ela.

Eu sei, mas não é a mesma coisa.

Desculpa :(

Engulo meu último alfajor, vendo que Bronwyn está digitando por tanto tempo que já sei o que vem em seguida. Bronwyn é uma digitadora muito veloz. Ela nunca hesita, a não ser que esteja prestes a dizer algo que acha que não deveria, e no momento há apenas um tópico na lista que ela impôs a si mesma sobre O Que Não Falar.

E obviamente é: *Nate está aí?*

Minha irmã pode não morar mais a um quarto de distância de mim, mas isso não significa que eu não possa lhe dar algum trabalho. *Quem?*, digito em resposta, e depois olho para Nate.

— Bronwyn está dando oi — digo.

Seus olhos azul-escuros brilham, mas a expressão dele se mantém impassível.

— Diga oi de volta.

Acho que eu entendo. Independentemente do quanto você goste de alguém, as coisas mudam quando essa pessoa que costumava estar por perto o tempo todo, de repente, não está mais. Entretanto, Nate e eu não temos o costume de conversar sobre o que estamos sentindo — nenhum de nós faz isso com ninguém além de Bronwyn, na verdade —, então eu só faço uma careta para ele.

— Reprimir não é saudável, você sabe.

Antes de Nate conseguir responder, há uma repentina agitação ao nosso redor: Knox está de volta, Addy puxa uma cadeira até a mesa em que estamos e um prato de tortillas de milho cobertas por carne, queijo derretido e chimichurri — a versão do Café Contigo para nachos — se materializa na minha frente.

Eu olho na direção de onde o prato veio para encontrar um par de intensos olhos castanho-escuros.

— O lanchinho do jogo — diz Luis Santos, transferindo para o ombro a toalha que usou para segurar o prato. Luis é o melhor amigo de Cooper do Colégio Bayview. Até o ano anterior, quando os dois se formaram, ele era o receptor para as bolas que Cooper arremessava no campo de beisebol. Os pais de Luis são os donos do Café Contigo e, enquanto está estudando na universidade pública, ele trabalha aqui meio expediente. Desde que fiz dessa mesa de canto a minha segunda casa, eu vejo Luis mais vezes do que via quando frequentávamos a mesma escola.

Knox avança nos nachos como se não tivesse acabado de comer duas empanadas e um prato de alfajores cinco minutos atrás.

— Cuidado, tá muito quente — alerta Luis, se abaixando na cadeira à minha frente. E eu imediatamente penso *É, está mesmo*, porque tenho um fraco constrangedor por atletas bonitinhos que despertam a Maeve de 12 anos que habita em

mim. É de se pensar que eu teria aprendido depois que meu interesse não correspondido em um jogador de basquete me rendeu um post humilhante no blog de fofoca de Simon Kelleher, Falando Nisso, no primeiro ano. Mas não.

Não estou exatamente com fome, mas pego um nacho da pilha mesmo assim.

— Obrigada, Luis — digo, chupando o sal de uma das pontas.

Nate ri com desdém.

— O que você estava dizendo sobre repressão mesmo, Maeve?

Meu rosto fica vermelho e eu não consigo pensar em uma resposta melhor para dar a ele além de enfiar o nacho inteiro na boca e mastigá-lo agressivamente. Às vezes eu não sei o que minha irmã vê nele.

Merda. Minha irmã. Olho meu celular já sentindo uma fígada de culpa quando noto as carinhas tristes que Bronwyn mandou. *Tô brincando. Nate parece bem triste*, garanto a ela. Ele não parece triste, até porque ninguém usa tão bem a máscara “tô-nem-aí” quanto Nate Macauley, mas tenho certeza de que ele está triste, sim.

Phoebe Lawton, outra garçonete do Café Contigo e caloura no colégio, entrega copos de água antes de se sentar na extremidade da mesa assim que a rebatida do time oposto passeia pelo campo de beisebol. A câmera foca no rosto de Cooper, que levanta a luva e estreita os olhos.

— Vamos lá, Coop — murmura Luis, a mão esquerda se curvando instintivamente como se estivesse dentro da luva de couro. — Jogue!

Em duas horas o café está tomado por uma agitação animada, depois do desempenho praticamente irretocável de Cooper: oito arremessos válidos, um walk, uma rebatida e nenhuma corrida durante sete entradas. Os Cal State Fullerton Titans estão ganhando por três pontos, mas ninguém em Bayview se importa muito agora que um lançador reserva assumiu o lugar de Cooper.

— Estou tão feliz por ele — comemora Addy. — Ele merece tanto depois de... você sabe. — O sorriso dela vacila. — Depois de tudo.

Tudo. É uma palavra pequena demais para definir o que aconteceu quando Simon Kelleher decidiu encenar a própria morte, há quase 18 meses, enquadrando minha irmã, Cooper e Addy como responsáveis. O especial de Ação de Graças do *Mikhail Powers Investiga* refez tudo em detalhes excruciantes, da armação de Simon para manter todos juntos na detenção aos segredos que ele deu um jeito de vazar no Falando Nisso para fazer parecer que os outros quatro tinham razões para querê-lo morto.

Eu vi o especial com Bronwyn enquanto ela estava em casa no feriado. O programa me levou imediatamente de volta ao ano anterior, quando a história se tornou uma obsessão nacional e vans de noticiários lotavam nossa calçada todos os dias. O país inteiro ficou sabendo que Bronwyn havia roubado provas para tirar 10 em química, que Nate tinha vendido drogas enquanto estava em liberdade condicional por *vender drogas* e que Addy traía o namorado, Jake — que veio a ser um boy lixo controlador tão horrível que concordou em ser cúmplice de Simon. E Cooper foi falsamente acusado de usar anabolizantes e arrancado do armário antes de estar pronto para se assumir para sua família e seus amigos.

Tudo isso foi um pesadelo, mas não um pesadelo tão ruim quanto ser suspeito de um assassinato.

A investigação se desenrolou mais ou menos como Simon havia previsto — exceto pela parte em que Bronwyn, Cooper, Addy e Nate se uniram em vez de se voltarem uns contra os outros. É difícil imaginar como seria essa noite se eles tivessem feito isso. Duvido que Cooper pontuaria em praticamente todos os arremessos do seu primeiro jogo na universidade, ou que Bronwyn entraria em Yale. Nate provavelmente estaria preso. E Addy... Não gosto de pensar onde Addy poderia estar. Principalmente porque receio que ela não estaria mais aqui.

Sinto um calafrio e chamo a atenção de Luis. Ele levanta seu copo, com o olhar determinado de quem não vai deixar

que o triunfo de seu melhor amigo fique amargo.

— Bom, então um brinde ao carma. E a Coop, por arrasar em seu primeiro jogo universitário.

— A Cooper — todos repetem.

— Temos que planejar uma viagem de carro para vê-lo! — Addy exclama. Ela toca o braço de Nate por cima da mesa e dá uma cutucada quando ele começa a olhar ao redor do café como se estivesse calculando em quanto tempo pode ir embora. — Isso inclui você. Não tente escapar.

— O time de beisebol inteiro vai querer ir — diz Luis. Nate sorri de um jeito resignado, porque Addy é uma força da natureza quando está determinada a fazê-lo socializar.

Phoebe, que se aproximou de mim e de Knox enquanto o jogo rolava e as pessoas iam embora, se serve de um dos copos de água da mesa.

— Bayview é tão diferente sem Simon, mas também... não é. Entendem? — murmura ela, tão baixinho que somente eu e Knox ouvimos. — Não é como se as pessoas tivessem ficado mais legais depois que o choque passou. Só não temos mais o Falando Nisso para acompanhar quem está sendo horrível uma semana após a outra.

— Não por falta de esforço — murmura Knox.

Criaram um monte de blogs copiando o Falando Nisso depois que Simon morreu. A maior parte fracassou em dias, embora um site, o Simon Manda, tenha ficado no ar por quase um mês no último outono, até que a escola resolveu se envolver e derrubá-lo. Mas ninguém levou o site a sério, porque seu criador — um daqueles alunos quietinhos que quase ninguém conhece — não postou uma só fofoca que já não fosse do conhecimento de todos.

Esse era o lance com Simon Kelleher: ele sabia de segredos que a maioria nem chegaria a imaginar. Ele era paciente, estava disposto a descobrir o que fosse possível em termos de drama e dor em qualquer situação. E era bom em esconder o quanto detestava todo mundo no Colégio Bayview; o único lugar em que extravasava era no fórum de vingança que

encontrei enquanto procurava por pistas que explicassem sua morte. Ler os posts que Simon fazia naquela época me deixou enojada. Ainda me provoca arrepios às vezes, pensar em como qualquer um de nós entendia tão pouco sobre o que significava ir contra uma mente como a de Simon.

As coisas poderiam ter sido muito diferentes.

— Ei — Knox me chama de volta ao presente, e eu pisco até seu rosto entrar em foco. Ainda somos só nós três presos a nossa conversa paralela; não acho que os formandos do ano anterior se permitam pensar em Simon por muito tempo. — Por que está tão séria? O passado ficou para trás, certo?

— Certo — concordo, e me viro quando um gemido alto vem da multidão no Café Contigo. Levo um minuto para entender o que está acontecendo e, quando entendo, meu coração aperta: o reserva de Cooper deixou corredores ocuparem todas as bases na nona entrada, saiu, e o novo arremessador entregou um grand slam. Do nada, a vantagem do Cal State sumiu, uma corrida perdida. O outro time avança no rebatedor em campo, pulando em cima dele até caírem num animado amontoado. Apesar de ter arremessado como num sonho, Cooper não teve sua vitória.

— Nãooooo — resmunga Luis, enfiando o rosto nas mãos. Ele soa como se estivesse sentindo dor de verdade. — Mas que merda.

Phoebe estremece.

— Que azar. Mas não foi culpa de Cooper.

Meus olhos procuram pela única pessoa na mesa com quem posso contar numa reação sem filtro: Nate. Ele olha da minha expressão tensa para o sal ainda espalhado pela mesa e balança a cabeça, como se soubesse da aposta supersticiosa que fiz comigo mesma. Consigo ler seu gesto como se ele estivesse falando: *Não quer dizer nada, Maeve, é só um jogo.*

Tenho certeza de que ele tem razão. Mas ainda assim. Eu gostaria que Cooper tivesse ganhado.

CAPÍTULO 2

Phoebe

Terça-feira, 18 de fevereiro

A parte lógica do meu cérebro sabe que minha mãe não está brincando de boneca. Mas é cedo, estou cansada e ainda sem as minhas lentes de contato. Então, em vez de gritar mais alto que ela, eu me inclino sobre a bancada da cozinha e pergunto:

— O que são essas bonecas?

— São para o topo de um bolo de casamento — diz minha mãe, puxando uma delas da mão do meu irmão de 12 anos, Owen, e me entregando. Olho e vejo uma noiva de vestido branco, com as pernas entrelaçadas na cintura do noivo. Um artista subestimado deu um jeito de deixar cheias de desejo as carinhas de plástico dos dois.

— Elegante — digo. Eu deveria ter adivinhado que tinha alguma relação com casamento. Na semana anterior, a bancada da cozinha estava coberta por artigos de papelaria e antes disso havia arranjos artesanais florais para os centros das mesas.

— Essa é a única assim — diz ela, na defensiva. — Suponho que todos os gostos devem ser considerados. Você poderia pôr na caixa? — Ela projeta o queixo na direção de uma caixa de papelão com bolinhas de espuma até a metade. Jogo o casal feliz lá dentro e pego um copo de vidro do armário que fica ao lado da nossa pia, enchendo-o com água da torneira para esvaziar seu conteúdo em dois goles longos e ávidos.

— Enfeites de bolo, é? — pergunto. — As pessoas ainda usam isso?

— São só amostras da Golden Rings — diz mamãe.

Desde que ela se uniu a um grupo de cerimonialistas, caixas cheias desse tipo de coisa surgem em nosso apartamento a cada duas semanas. Minha mãe tira fotos, toma nota do que gostou e em seguida empacota de novo e envia para a próxima cerimonialista do grupo.

— Alguns são até fofos. — Ela segura um casal de noivos dançando valsa. — O que acha desse?

Tem uma caixa de waffles Eggo aberta em cima da bancada. Eu pego os dois últimos e ponho na torradeira.

— Eu acho que pessoas de plástico em cima do bolo de casamento de Ashton e Eli não faz muito o estilo dos dois. Eles não estão tentando deixar tudo bem simples?

— Às vezes você não sabe o que quer até encontrar — diz mamãe, animada. — Parte do meu trabalho é abrir os olhos deles para o que existe por aí.

Pobre Ashton. A irmã mais velha de Addy tem sido a vizinha dos sonhos desde que nos mudamos para o apartamento em frente ao delas no último verão — ela nos deu indicações de delivery, nos mostrou quais máquinas de lavar não comem as nossas moedas e nos deu ingressos para espetáculos que ganha onde trabalha, o California Center for the Arts. Ela não tinha ideia de onde estava se metendo quando concordou em ajudar mamãe em seu negócio de organização de casamentos, coordenando alguns “detalhes” de seu casamento com Eli Kleinfelter, que acontecerá em breve.

Minha mãe errou a mão um bocadinho. Ela quer causar uma boa impressão, já que Eli é tipo uma celebridade local. Ele é o advogado que defendeu Nate Macauley quando Nate foi acusado de matar Simon Kelleher, e agora ele está sempre sendo entrevistado a respeito de um ou outro caso importante. A imprensa adora o fato de que ele está prestes a se casar com a irmã de uma integrante do Quarteto de Bayview, então noticiam o casamento dele com alguma frequência. Isso significa mídia espontânea para mamãe, incluindo uma menção no jornal *Tribuna de San Diego* e um perfil elaborado na edição de dezembro do *Bayview Blade*, que virou um jornaleco de fofocas desde a cobertura da morte de Simon, então é óbvio que escolheram a abordagem mais dramática possível: “Depois de uma arrebatadora perda, viúva de Bayview começa um negócio com base na alegria”.

Nós poderíamos ter ficado sem esse *lembrete*.

Ainda assim, mamãe pôs muito mais energia nesse casamento do que em qualquer outra coisa que fez nos últimos anos, então eu deveria ser grata pela infinita paciência de Ashton e Eli.

— Seus waffles estão queimando — diz Owen placidamente, enfiando na boca os quadradinhos ensopados de xarope de bordo.

— Merda! — Eu puxo meus waffles com um gemido de dor quando meus dedos roçam o metal quente. — Mãe, podemos comprar uma torradeira nova, por favor? Essa não serve mais para nada. Vai de zero a queimando em 30 segundos.

As sobrancelhas da minha mãe ficam unidas e ela ganha o ar preocupado de sempre que falamos em gastar dinheiro.

— Eu percebi isso. Mas primeiro devemos tentar limpá-la antes de trocar. Deve ter uns dez anos de migalhas de pão aí dentro.

— Eu faço isso — Owen se oferece, ajeitando os óculos no nariz. — E se não funcionar, eu vou abri-la. Aposto que posso consertar isso.

Sorriso para ele, distraída.

— Não tenho dúvidas, craniozinho. Eu deveria ter pensado primeiro nisso.

— Eu não quero você brincando com nada que seja elétrico, Owen — retruca minha mãe.

Ele parece ficar ofendido.

— Eu não estaria *brincando*.

Ouvimos o clique de uma porta se abrindo quando nossa irmã mais velha, Emma, sai do quarto em direção à cozinha. Essa é uma coisa que eu nunca vou me acostumar em relação a um apartamento: como estar num único andar faz com que seja possível saber onde todos estão o tempo inteiro. Não tem onde se esconder. Que saudade da nossa antiga casa, onde não só cada um tinha seu quarto como havia uma sala de estar, um

escritório que eventualmente virava a sala de jogos de Owen e a sala de trabalho do papai no porão.

Também tínhamos meu pai.

Minha garganta fecha enquanto os olhos de Emma percorrem as pilhas de bonecas de plástico com vestido na bancada da cozinha.

— Ainda tem gente que usa enfeite de bolo?

— Sua irmã perguntou exatamente a mesma coisa — diz mamãe. Ela faz isso o tempo todo: aponta semelhanças entre mim e Emma, como se ter ciência disso fosse capaz de nos deixar unidas como fomos quando pequenas.

Emma solta um murmúrio e eu fico concentrada no meu waffle conforme ela se aproxima.

— Pode se afastar? — pede com educação. — Preciso do liquidificador.

Eu chego para o lado e Owen pega um enfeite de bolo com uma noiva de cabelos ruivos.

— Essa se parece com você, Emma — diz ele.

Nós da família Lawton somos todos ruivos de algum modo — o cabelo de Emma é ruivo escuro, o meu é acobreado e o de Owen é louro-avermelhado —, mas nosso pai era quem realmente se destacava na multidão, seu cabelo era tão laranja que o apelido dele no ensino médio era Cheetos. Uma vez meu pai nos deixou na praça de alimentação do shopping de Bayview enquanto ia ao banheiro e, quando voltou, encontrou um casal mais velho sorrateiramente de olho na mamãe, com seu cabelo e pele escuros e suas três crianças clarinhas e ruivas. Papai surgiu ao lado da minha mãe, pondo o braço ao redor de seu ombro e dando um sorriso ao casal.

— Viu, *agora* nós fazemos sentido — disse ele.

E agora, três anos depois da morte dele? Não fazemos.

Se eu tivesse que sinalizar a parte do dia que Emma mais detesta... Eu estaria sob pressão, porque parece que Emma não gosta de muitas coisas ultimamente. Mas ter que buscar

minha amiga Jules a caminho do colégio certamente está entre as três primeiras.

— Ai, meu Deus — diz Jules, ofegante, quando entra no banco de trás do nosso Corolla de 10 anos de idade, empurrando a mochila para longe. Eu me viro no assento e ela tira os óculos escuros para fixar um olhar mortal em mim. — Phoebe, eu não *suporto* você.

— O quê? Por quê? — pergunto, confusa. Eu me mexo no lugar para ajeitar a saia que sobe pelas minhas coxas. Depois de anos de tentativa e erro, eu finalmente descobri o tipo de roupa que cai bem no meu corpo: saia curta e esvoaçante, principalmente se tiver uma padronagem ousada; blusa de gola v ou decote cavado, de cor vibrante; e um tipo de bota de salto baixo.

— Cinto de segurança, por favor — pede Emma.

Jules prende o cinto, ainda me observando.

— Você sabe o porquê.

— Sinceramente não sei, não — reclamo. Emma se afasta do meio-fio da modesta casa de dois andares de Jules, que fica a apenas uma rua de onde costumávamos morar. Nosso antigo bairro nem de longe é o mais abastado de Bayview, mas ainda assim o jovem casal para quem mamãe vendeu a casa estava eufórico por comprar o primeiro imóvel aqui.

Os olhos verdes de Jules, em contraste com a pele marrom e o cabelo preto, se arregalam de forma dramática.

— Nate Macauley estava no Café Contigo ontem à noite e você não me mandou uma única mensagem!

— É, bem... — Eu aumento o som para que minha resposta se misture à última música de Taylor Swift.

Jules sempre teve uma quedinha por Nate — ela adora esse tipinho bad boy bonito —, mas nunca o considerou namorável até Bronwyn Rojas considerar. E agora ela vive como um abutre ao redor dele toda vez que Bronwyn e ele terminam o namoro. O que fez minha lealdade se dividir desde que comecei a trabalhar no Café Contigo e fiquei amiga de Addy, que, obviamente, veste a camisa do time de Bronwyn.

— E ele *nunca* sai — lamenta Jules. — Que boa oportunidade desperdiçada. Você vacilou com sua amiga, Phoebe Jeebies. Não foi legal. — Ela pega um tubo de gloss cor de vinho e se inclina para a frente para que possa se enxergar no retrovisor enquanto passa uma camada. — Como ele estava? Você acha que ele superou Bronwyn?

— Quer dizer, é difícil saber — respondo. — Ele não conversou muito com ninguém além de Maeve e Addy. Principalmente Addy.

Jules pressiona um lábio contra o outro, e uma leve expressão de pânico cruza seu rosto.

— Ai, meu Deus. Você acha que *eles* estão juntos agora?

— Não. Definitivamente não. São amigos. Nem todo mundo acha Nate irresistível, Jules.

Jules devolve o gloss labial para a bolsa e encosta a cabeça no vidro da janela com um suspiro.

— Fale por você. Ele é tão gostoso. Eu morro.

Emma para em um sinal vermelho e esfrega os olhos, em seguida alcançando o botão de volume do rádio.

— Preciso abaixar o som — diz ela. — Minha cabeça está explodindo.

— Você está ficando doente? — pergunto.

— Apenas cansada. Minha monitoria com Sean Murdock terminou muito tarde ontem.

— Surpresa nenhuma — murmuro. Se estiver procurando por sinais de vida inteligente na turma de calouros do Colégio Bayview, não é em Sean Murdock que você vai achar. Mas os pais do garoto têm dinheiro e vão despejá-lo em Emma com felicidade para que, talvez, a ética de trabalho ou notas da minha irmã passe para o filho deles, pelo menos um pouquinho.

— Eu deveria contratar você, Emma — diz Jules. — Nesse semestre, química vai ser um pesadelo se eu não tiver ajuda. Ou posso dar uma de Bronwyn Rojas e roubar o teste.

— Bronwyn inventou essa aula — lembro, e Jules chuta o encosto do meu banco.

— Não defenda Bronwyn — diz ela, emburrada. — Ela está destruindo minha vida amorosa.

— Se você estiver falando sério sobre a monitoria, tenho um horário vago nesse fim de semana — diz Emma.

— Química no *fim de semana*? — Jules parece escandalizada. — Não, obrigada.

— Então tá. — Minha irmã dá um suspiro breve, como se não estivesse esperando nada diferente disso. — Não era sério.

Emma é somente um ano mais velha do que eu e Jules, mas a maior parte do tempo ela parece ter mais a idade de Ashton Prentiss do que a nossa. Emma não age como uma garota de 17 anos. Ela parece ter vinte e poucos e fazer pós-graduação em vez de aulas avançadas no ensino médio. Mesmo agora, com todas as aplicações das faculdades entregues, apenas esperando o retorno, ela não consegue relaxar.

Seguimos em silêncio o restante do caminho até que, quando Emma entra no estacionamento, meu telefone toca. Olho e leio a mensagem.

Arquibancada?

Eu não deveria ir. Mas ao mesmo tempo em que meu cérebro me lembra de que já levei duas advertências por atraso esse mês, meus dedos digitam *Ok*. Ponho o telefone no bolso e mantenho a porta do carro semiaberta antes mesmo de Emma acabar de estacionar. Ela levanta as sobrancelhas quando saio.

— Tenho que ir rapidinho até o campo de futebol — digo, levando minha mochila até o ombro e pousando a mão sobre a maçaneta da porta.

— Para quê? Não vá se atrasar de novo — Emma diz, estreitando os olhos castanho-claros para mim. São iguaizinhos aos do papai e, junto com o cabelo ruivo, o único traço que temos em comum. Emma é alta e magra. Eu sou baixinha e curvilínea. O cabelo dela é totalmente liso e não chega aos ombros. O meu é comprido e ondulado. No sol, ela fica com sardas e eu fico bronzeada. Agora nós duas estamos

com a cor do inverno, no entanto, e posso sentir minhas bochechas ficando vermelhas conforme olho para o chão.

— É para, hum, o dever — murmuro.

Jules sorri ao sair do carro.

— É assim que vamos chamar agora?

Eu dou meia-volta para me retirar o mais rápido possível, mas ainda sinto o peso da censura de Emma pairando sobre meus ombros como uma capa. Ela sempre foi séria, mas isso não importava quando éramos jovens. Nós duas éramos tão próximas que costumávamos ter conversas inteiras sem dizer uma palavra. Mamãe brincava que a gente devia ser telepata, mas não era isso. Nós apenas nos conhecíamos tão bem que era possível ler cada expressão com a mesma nitidez de uma palavra.

Também éramos próximas a Owen, apesar da diferença de idade. Meu pai costumava nos chamar de “Los tres amigos”, e, na infância, fazíamos sempre a mesma pose para as fotos: eu e Emma de cada lado de Owen, os braços entrelaçados sobre os ombros, os sorrisos largos. Nós parecíamos inseparáveis — e eu pensei que fôssemos. Nunca me ocorreu que papai era a cola que nos mantinha juntos.

A separação foi tão súbita que eu não reparei imediatamente. Emma se afastou primeiro, se enterrando em trabalhos escolares.

— É o jeito dela de sofrer — dissera mamãe, então eu deixei, embora o *meu jeito* fosse sofrer junto dela.

Eu compensava a tristeza indo para qualquer evento que encontrava — principalmente depois que meninos começaram a se interessar por mim —, enquanto Owen fugia para o confortável mundo fantástico dos jogos de videogame. Antes que eu pudesse perceber, esses se tornaram nossos caminhos e nós nos mantemos neles. No nosso cartão do último Natal, estávamos os três parados atrás da árvore, organizados por altura, as mãos entrelaçadas na frente do corpo e os sorrisos duros. Meu pai teria ficado tão decepcionado com aquela foto.

E também teria ficado decepcionado comigo, porque, depois que tiramos a foto, eu fui para a festa de Natal de Jules. Uma coisa é tratar sua irmã mais velha como uma estranha e outra... é fazer o que fiz. Eu costumava sentir um tipo melancólico de solidão quando pensava em Emma, mas agora sinto apenas culpa. E alívio por ela não conseguir mais ler meus pensamentos ou minhas expressões.

— Ei! — Estou tão imersa em meus pensamentos que teria dado de cara com uma coluna embaixo das arquibancadas se uma mão não tivesse me alcançado e impedido. Ele me puxa com tanta rapidez que meu telefone escorrega do bolso e ouço a batida fraca quando ele cai na grama.

— Merda — digo, mas os lábios de Brandon Weber estão colados aos meus antes que eu consiga dizer qualquer outra coisa. Eu sacudo meus ombros até que minha mochila se solte e caia no chão, junto ao telefone. Brandon puxa a barra da minha blusa, e, já que eu vim até aqui exatamente para isso, eu o ajudo a tirá-la de dentro da saia.

As mãos de Brandon sobem pela minha pele nua, puxando a renda do meu sutiã, quando ele ronrona contra minha boca:

— Meu Deus, você é muito sexy.

E ele também é. Brandon é *quarterback* do time de futebol americano, e o *Bayview Blade* gosta de chamá-lo de “o próximo Cooper Clay”, porque ele é bom ao ponto de algumas universidades estarem começando a observá-lo. Mas eu não acho essa comparação muito boa. Por um motivo: o talento de Cooper está em outro patamar. E ele também é um docinho. Enquanto isso, Brandon é basicamente um babaca.

Mas ele sabe beijar. Toda a tensão se esvai do meu corpo conforme ele me empurra na direção da coluna atrás de nós, e agora o que sinto é uma inebriante fagulha de expectativa. Passo um dos braços pelo seu pescoço, tentando trazê-lo até a minha altura enquanto a outra mão brinca com o cós de sua calça jeans. E então o meu pé chuta alguma coisa pelo chão e o ruído de uma mensagem de texto me distrai.

— Meu telefone — digo, me afastando. — Nós vamos quebrá-lo se eu não pegar do chão.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um de nós é o próximo"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).